

Trabalho de Campo I – Profa. Dra. Valeria de Marcos
Texto 12 – item 3.1 aula 5

12 cópias

TRIVIÑOS, A. N. S. Pesquisa qualitativa. In: _____ . Introdução à pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 2008, p. 116-136

AUGUSTO NIBALDO SILVA TRIVIÑOS

Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais

A Pesquisa Qualitativa em Educação

- O Positivismo
- A Fenomenologia
- O Marxismo

SÃO PAULO
EDITORA ATLAS S.A. – 1987

PESQUISA QUALITATIVA

1 INTRODUÇÃO

Na década de 70, em alguns países, em outros depois, surgiu nos países da América Latina interesse, que é crescente, pelos aspectos qualitativos da educação. Na verdade, o ensino sempre caracterizou-se pelo destaque de sua realidade qualitativa, apesar de manifestar-se frequentemente através de medições, de quantificações (percentagens de analfabetos, de repetentes, do crescimento anual da matrícula, dos professores titulados e não titulados etc.). Isto que, em geral, aparecia como uma forma espontânea e natural de apreciar as realidades escolares principiou a vincular-se, sistematicamente, a posicionamentos teóricos claros.

Verdadeiramente, essa postura quantificadora manifesta dos processos educativos que se apresentava livre, como se não estivesse sujeita a nenhuma expressão teórica determinada, estava dando resposta, em forma consciente ou não, a uma dimensão positivista da explicação dos fenômenos sociais.

O avanço das idéias facilitou o confronto de perspectivas diferentes de entender o real. Frente à atitude tradicional positivista de aplicar ao estudo das ciências humanas os mesmos princípios e métodos das ciências naturais, começaram a elaborar-se programas de tendências qualitativas, para avaliar, por exemplo, o processo educativo, e a propor "alternativas metodológicas" para a pesquisa em educação.

As propostas novas, como às vezes ocorre para os menos experientes, produziram algum nível de confusão. E sem maior reflexão eles decidiram eliminar toda possibilidade quantitativa na investigação e optar definitivamente pela exaltação do qualitativo na pesquisa em educação e em todos os aspectos possíveis de estudar no sistema educacional.

Abriu-se caminho, desta maneira, à falsa dicotomia quantitativo-qualitativo. E alguns rejeitaram a medida no ensino por absurda, artificial e inútil; enquanto outros expressavam que o enfoque qualitativo era, simplesmente, um exercício especulativo sem valor para a ciência.

Temos expressado que a quantificação dos fenômenos sociais apóia-se no positivismo e, naturalmente, também no empirismo. As posições qualitativas baseiam-se especialmente na fenomenologia e no marxismo. Por isso, em geral podemos distinguir dois tipos de enfoques na pesquisa qualitativa, que correspondem a concepções ontológicas e gnosiológicas específicas, de compreender e analisar a realidade:

— *Os enfoques subjetivistas-compreensivistas*, com suporte nas idéias de Schleiermacher, Weber, Dilthey e também em Jaspers, Heidegger, Marcel, Husserl e ainda Sartre, que privilegiam os aspectos conscienciais, subjetivos dos atores (percepções, processos de conscientização, de compreensão do contexto cultural, da realidade a-histórica, de relevância dos fenômenos pelos significados que eles têm para o sujeito) para o ator etc.).

— *Os enfoques crítico-participativos com visão histórico-estrutural* — dialética da realidade social que parte da necessidade de conhecer (através de percepções, reflexão e intuição) a realidade para transformá-la em processos contextuais e dinâmicos complexos (Marx, Engels, Gramsci, Adorno, Horkheimer, Marcuse, Fromm, Habermas etc.).

Considerando-se que estas duas linhas de pesquisa qualitativa se apresentam como alternativas metodológicas frente ao positivismo quantitativo, não podemos deixar de mencionar que a pesquisa qualitativa de cunho estrutural-funcionalista tem tido grande desenvolvimento, favorecida especialmente nos países do Terceiro Mundo pelos regimes políticos que vêem nela uma forma de conservar o *status quo* social elitista que os caracteriza. Os postulados do estrutural-funcionalismo, de ordem, de hierarquias, de atenção de maneira singular aos desvios, às disfunções, sua visão estática da realidade e, fundamentalmente, sua idéia importante de considerar a educação como socialização e adaptação aos esquemas sociais existentes etc., servem positivamente ao conservadorismo. Por outro lado, não é possível esquecer que uma das raízes da pesquisa qualitativa está no campo da antropologia e foi o funcionalista e positivista Malinowski que criou o método etnográfico de tanta fortuna no tipo de pesquisa qualitativa que se desenvolve na educação. Ainda o uso do método etnográfico, apoiado na teoria estrutural-funcionalista, não determina a mecânica definitiva do emprego desse método e, de qualquer método, a efetividade alcançada na antropologia foi tão importante que os que se servem dele em outros campos o seguem empregando, iluminando pelo funcionalismo.

Talvez seja necessário lembrar os pontos de vista do marxismo sobre o qualitativo e o quantitativo. Já dissemos que surgiu uma dicotomia no campo da pesquisa da educação que ainda alguns procuram manter. Essa dicotomia, já o indicamos, não tem razão de existir, analisada da perspectiva marxista e da própria experiência dos pesquisadores.

Os marxistas afirmam que existe uma relação necessária entre a mudança quantitativa e a mudança qualitativa. E esta, como sabemos, resulta das mudanças quantitativas que sofrem os fenômenos. Mas a qualidade do objeto não é passiva. As coisas podem realizar a passagem do quantitativo ao qualitativo, e vice-versa.

O referido problema dicotômico comentado no espaço da pesquisa qualitativa, apoiado nos referenciais teóricos básicos, marxismo, fenomenologia e ainda no estrutural-funcionalismo (com muitas reservas porque este, com sua raiz positivista, assinala a oposição entre quantidade e qualidade, porém levanta a pesquisa qualitativa em oposição à quantitativa), estritamente não existe. Toda pesquisa ocorre que toda investigação baseada na estatística, que pretende obter resultados objetivos, fica exclusivamente no dado estatístico. Raramente o pesquisador aproveita essa informação para avançar numa interpretação mais ampla da mesma. Seu ideal é estabelecer que existe entre os fenômenos uma relação estatisticamente significativa ou não, verificar empiricamente suas hipóteses ou determinar que elas foram rejeitadas. Os investigadores pouco experientes, especialmente, que transformam a estatística num instrumento fundamental de sua busca, quando ela realmente deveria ser um elemento auxiliar do pesquisador, desperdiçam um material hipoteticamente importante. E terminam seu estudo onde, verdadeiramente, deveriam começar.

Sem dúvida alguma, muitas pesquisas de natureza qualitativa não precisam apoiar-se na informação estatística. Isto não significa que sejam especulativas. Elas têm um tipo de objetividade e de validade conceitual, como logo determinaremos, que contribuem decisivamente para o desenvolvimento do pensamento científico. Por outro lado, a investigação quantitativa realizada a nível de cursos de pós-graduação em educação raramente tem contribuído com bases valiosas para a colocação de soluções possíveis aos problemas que apresenta o sistema de ensino nacional.

A pesquisa participante que, em torno dos aspectos teóricos e práticos, avança em seus delineamentos sistemáticos apresenta em nosso meio tentativas muito valiosas, frente aos problemas da pesquisa qualitativa e na busca de alternativas metodológicas para a investigação.*

Todos estes estudos referem-se especialmente a aspectos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa que surge, com diferentes enfoques, como alternativas para a investigação em educação.

* THIOLENT, Michel Jean-Marie. Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (49):45-50, maio 1984.

ANDRÉ, Marlí E. D. Estudo de caso: seu potencial na educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (49):51-4, maio 1984.

GONÇALVES, Obadi. Incorporação de práticas curriculares nas escolas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (49):55-62.

CAMPÓS, Maria M. Malta. Pesquisa participante: possibilidades para o estudo da escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (49):63-5, maio 1984.

Esta inquietação geral, inclusive nas esferas oficiais e não só nos ambientes universitários, revela uma preocupação pela busca de caminhos certos para a pesquisa.

Existem outros estudos* que incidem na metodologia, características e tipos da pesquisa qualitativa e que, por isso, devem ser mencionados aqui.

Isto significa que os âmbitos teóricos e práticos da pesquisa qualitativa são cada vez mais largos, ainda que seus esboços teóricos e sua prática fiquem a nível de elites. A massa dos pesquisadores que vive nas universidades se esforça para amadurecer os novos posicionamentos da pesquisa na educação. Trata de encontrar os caminhos certos. Mas a tarefa não é fácil. Como disse Wanderley, o pesquisador deve lutar para vencer dificuldades de diferente natureza. E as que dizem respeito com sua própria formação tradicional, no seio positivista e estrutural-funcionalista, não são as mais fáceis de superar.

GOULVEIA, Aparecida Joly. Notas a respeito das diferentes propostas metodológicas apresentadas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (49):67-70, maio 1984.

DENO, Pedro. Avaliação participante: algumas idéias iniciais para discussão. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (49):67-73, fev. 1984.

Em busca de alternativas em educação. Questões de estudo e pesquisa. Brasília, s.d. 16 p. mimeo.

Avaliação qualitativa. Brasília, DF, 1985. 23 p. mimeo.

ANDRÉ, Maria Elisa Dalmezo Afonso. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (45):66-71, maio 1983.

STRAKE, R. E. Pesquisa qualitativa/naturalista — Problemas epistemológicos. *Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, n.º 7, Jan./Jun. 1985.

CURY, Carlos Roberto; BEISIEQUEL, Celso de Ruy; SAVIANI, Dermeval; ARROYO, Miguel Gonzales. Programa Estadual de diagnóstico do setor educação. *Projeto A Necessidade de um Outro Estilo de Diagnóstico*. Brasília, INEP, 1983. 17 p. mimeo. (Os autores reconhecem o valor dos diagnósticos quantitativos, mas o novo tipo de diagnóstico "atenderia também à qualidade do ensino que chega à população").

* THIOLENT, Michel Jean-Marie. Crítica metodológica: Investigação social e enquete operária. São Paulo, Polis, 1980. (A introdução: A procura de alternativas metodológicas é leitura obrigatória para quem deseja começar a preocupar-se com os âmbitos da pesquisa tradicional na educação e as novas perspectivas que se apresentam.)

EZPELETA, Justa. Notas sobre investigação participante y construcción teórica. Brasília, INEP. Seminário de Pesquisa Participativa, março de 1984. 28 p. mimeo. (Este trabalho é especialmente interessante pela clareza como desenvolve os aspectos teóricos da pesquisa qualitativa.)

PALHARES SÁ, Nicanor. Discutindo a pesquisa participante. Brasília, INEP. Seminário de Pesquisa Participativa, mar. 1984. 19 p. mimeo.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. Pesquisa participante: aspectos educacionais e sócio-políticos. Brasília, INEP. Seminário de Pesquisa Participativa, mar. 1984. 22 p. mimeo. (Este enfoque de Wanderley se inicia com uma crítica ao desenvolvimento atual da pesquisa no Brasil: que é pouca e inútil, que se desinteressa pelas necessidades das grandes minorias nacionais, que segue as linhas da pesquisa, que se realiza nos países desenvolvidos, que existe um divórcio entre a teoria e a prática, que são superficiais no sentido de não aprofundar e demonstrar a realidade, pelo qual os resultados são pobres etc.)

GALBARD, Marcolia. Pesquisas participante na América Latina. São Paulo, Brasiliense, 1986. 96 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1982. 211 p.

Repensando a pesquisa participante. São Paulo, Brasiliense, 1984. 252 p.

2 CONCEITO, TIPOS E CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA QUALITATIVA

Pelo menos existem duas dificuldades para definir o que entendemos por pesquisa qualitativa. Uma delas diz respeito à abrangência do conceito, à especificidade de sua ação, aos limites deste campo de investigação. Este obstáculo que se apresenta para atingir uma noção mais ou menos clara deste tipo de pesquisa não é fácil de ultrapassar.

A segunda dificuldade que surge na busca de uma concepção precisa da idéia de pesquisa qualitativa, como veremos, é muito mais complexa e emerge dos suportes teóricos fundamentais que a alimentam.

Alguns autores¹ entendem a pesquisa qualitativa como uma "expressão genérica". Isto significa, por um lado, que ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns. Esta é uma idéia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo.

Esta assertiva anterior nos obriga a desenvolver, para que nosso pensamento fique sem dúvidas, dois aspectos. O primeiro convidamos a considerar as peculiaridades gerais da pesquisa qualitativa. E o segundo, a fazer um comentário, por enquanto sucinto, das modalidades que apresenta este tipo de investigação. Este último aspecto será apresentado a seguir. Aquele, posteriormente, e ajudando-nos, a base do contraste, pelos traços, claramente reconhecidos, que individualizam a pesquisa denominada quantitativa.

Todos os autores,² ao que parece, compartilham o ponto de vista de que a pesquisa qualitativa tem suas raízes nas práticas desenvolvidas pelos antropólogos, primeiro e, em seguida, pelos sociólogos em seus estudos sobre a vida em comunidades. Só posteriormente irrompeu na investigação educacional.

O aparecimento da pesquisa qualitativa na Antropologia surgiu de maneira mais ou menos natural. Os pesquisadores perceberam rapidamente que muitas informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo. Isto não significou, de começo, o abandono de posicionamentos teóricos funcionalistas e positivistas.

A tradição antropológica da pesquisa qualitativa faz com que esta seja conhecida como *investigação etnográfica*. E pode-se dizer que, às vezes, se usam indistintamente ambas as expressões para referir-se a uma mesma atividade.

Nosso ponto de vista reconhece a pesquisa etnográfica como uma forma específica de investigação qualitativa. Esta afirmação é importante, porque significa que o tipo de inquirição que estamos procurando caracterizar recebe todas as peculiaridades que fazem diferente o enfoque etnográfico, de modo que, ao descrever brevemente este, estamos descrevendo um tipo de pesquisa qualitativa.

A tentativa de definir o que se entende por etnografia não é tarefa fácil. Em forma muito ampla podemos dizer que ela "é o estudo da cultura".³ Uma noção desta natureza, vaga, complexa, geral, serve, não obstante, para obter dela algumas premissas que se consideram básicas na pesquisa etnográfica. A primeira é que existe um mundo cultural que precisa ser conhecido, que se tem interesse em conhecer. Isto pode significar, e de fato na Antropologia foi assim, que, pelo menos, estamos em penesça de duas realidades culturais: a que se deseja conhecer e a que é própria do investigador. Do reconhecimento disto surge uma série de implicações metodológicas na prática da etnografia. A primeira pode ser estabelecida em relação ao nível de conhecimento da realidade em estudo ao qual aspiramos alcançar. A etnografia baseia suas conclusões nas *descrições* do real cultural que lhe interessa para tirar delas os *significados* que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade. Isto obriga os sujeitos e o investigador a uma *participação* ativa onde se compartilham modos culturais (tipos de refeições, formas de lazer etc.). Isto é, em outros termos, o pesquisador não fica fora da realidade que estuda, à margem dela, dos fenômenos aos quais procura captar seus significados e compreender. Pelo menos, isto é o que o investigador intenta realizar. Como veremos logo, surgem aqui alguns problemas que precisam ser levantados brevemente. Esta ação do pesquisador, numa zona específica da realidade cultural viva, vital, faz com que se pense em denominar a pesquisa qualitativa, simplesmente, *pesquisa de campo* ou *pesquisa naturalista*, porque o investigador atua num meio onde se desenrola a existência mesma, bem diferente das dimensões e características de um laboratório.

A participação do investigador como etnógrafo envolve-o na vida própria da comunidade com todas suas coisas essenciais e acidentais. Mas sua ação é disciplinada, orientada por princípios e estratégias gerais. De todas as maneiras, sua atividade, sem dúvida alguma, está marcada por seus traços culturais peculiares, e sua interpretação e busca de significados da realidade que investiga não pode fugir às suas próprias concepções do homem e do mundo. O valor científico de seus achados, porém, dependerá, fundamentalmente, do modo como faz a descrição da cultura que observa e que está tratando de viver em seus significados. Os atos, as atividades, cerimônias etc., que realizam os sujeitos que formam parte do âmbito cultural que se pretende mostrar estão relacionados em quadros gerais de significados, válidos para todas as pessoas. A função do etnógrafo, assim, "não é tanto estudar a pessoa, e sim aprender das pessoas".⁴

É importante salientar para a pesquisa qualitativa em geral que entender a etnografia como o "estudo da cultura" desenvolve para o enfoque etnográfico dois conjuntos de pressupostos sobre o comportamento humano de extraordinária relevância para a investigação em educação. Com efeito, insere-se neste campo a idéia de "contexto", de uso mais ou menos comum entre os pesquisadores educacionais.

Fala-se de *pressupostos ecológico-naturalistas* e *pressupostos fenomenológico-qualitativos*.⁵ Os primeiros ressaltam a influência do ambiente sobre os atores. Se estes são retirados de seu meio habitual é muito difícil chegar a conclusões verdadeiras sobre seu comportamento. O ambiente, o contexto no qual os indivíduos realizam suas ações e desenvolvem seus modos de vida fundamentais, tem um valor essencial para alcançar das pessoas uma compreensão mais clara de suas atitudes. O meio, com suas características físicas e sociais, imprime aos sujeitos traços peculiares que são desvendados à luz do entendimento dos significados que ele estabelece. Por isso, as tentativas de compreender a conduta humana isolada do contexto no qual se manifesta criam situações artificiais que falsificam a realidade, levam a engano, a elaborar postulados não adequados, a interpretações equivocadas.

A isto deve-se, por exemplo, o escasso impacto que têm tido na escola as teorias clássicas da aprendizagem⁶ que foram elaboradas longe do âmbito escolar, sem considerar o espaço natural onde se realizava o processo educativo. A complexidade vital da ação da criança, do sujeito humano, foi esquecida e substituída pela simplicidade configurada, artificialmente, no experimento. E assim se perseguiu, empurrado pelo modelo da ciência natural, uma validade generalizada dos resultados, que foi sempre utópica, irreal, equivocada. Como falso também foi o desejo de generalizar as conclusões para ambientes que se consideravam idênticos ou semelhantes àqueles em que se realizava a pesquisa. Não é possível defender a "identidade de meios culturais", e a semelhança dos mesmos é discutível para entender certos resultados de investigações atingidos em ambientes determinados.

O segundo conjunto de pressupostos que maneja a etnografia para elaborar os significados e interpretações dos fenômenos sociais, os *fenomenológico-qualitativos*, ressalta a idéia de que o "comportamento humano, muitas vezes, tem mais significados do que os fatos pelos quais ele se manifesta".⁷ Isto significa tratar de descobrir as características culturais que envolvem a existência das pessoas que participam da pesquisa, não só porque através delas se pode chegar a precisar os significados dos aspectos do meio, mas também porque desse ponto de vista derivam algumas considerações importantes. Com efeito, além de salientar a necessidade de observar os sujeitos não em situações isoladas, artificiais, senão na perspectiva de um contexto social, coloca ênfase na idéia dos significados latentes do comportamento do homem. Estes podem ser ignorados pelo pesquisador e ainda pelo mesmo sujeito. Este tem processos de internali-

zação inconsciente, realizados ao longo do tempo. Nessa temporalidade perdeu-se a noção específica de determinada atividade, seu significado preciso. Se o investigador, envolvido numa perspectiva de inquisição qualitativa, não é capaz de compreender estas dimensões do comportamento do sujeito, derivadas, principalmente, do contexto cultural, pode observar um fenômeno e explicá-lo equivocadamente. Por outro lado, uma visão da realidade social e cultural deste ângulo obriga o pesquisador a considerar uma série de estratégias metodológicas, marcadas, fundamentalmente, pela flexibilidade da ação investigativa. O investigador, sem dúvida, ao iniciar qualquer tipo de busca, parte premunido de certas idéias gerais, elaboradas conscientemente ou não. É impossível que um cientista, um buscador ou fazedor de verdades inicie seu trabalho despojado de princípios, de idéias gerais básicas. Ele, como já expressamos, pertence a determinada cultura que, seguramente, será, ou pode ser, um obstáculo para compreender em toda sua extensão outra realidade cultural. Mas, na concepção fenomenológica da pesquisa qualitativa, o investigador deve estar dotado de amplo e flexível espírito de trabalho. Isto elimina a possibilidade da colocação de hipóteses, que devem ser testadas empiricamente, e de esquemas de atividades levantados a priori, questionários padronizados, análises de resultados de acordo com certos cânones rígidos etc., tão comuns nos modelos positivistas e empiricistas tradicionais. Estes, buscando a objetividade e neutralidade do "dado" atingido, procuravam eliminar toda possibilidade de presença do sujeito nos resultados. A pesquisa qualitativa, como veremos, rege-se por critérios diferentes dos manejados pelo positivismo, para alcançar produtos com validade científica.

A dimensão apriorística da pesquisa quantitativa em educação partiu de paradigmas dedutivos, ao invés de indutivos, próprios da pesquisa etnográfica. Isto permitiu não só elaborar categorias antes de começar o estudo, como também delimitar os resultados dos esquemas culturais do investigador. O enfoque realizado a priori facilitava grandemente a análise do resultado alcançado e reduzia, ao mesmo tempo, a capacidade criativa do pesquisador e a utilidade do estudo para a realidade educacional.

A ausência de hipóteses rígidas a priori, que deviam ser empiricamente verificadas, apoiando-se, de maneira fundamental, na estatística, obrigou o pesquisador a ter um conhecimento geral aprofundado da realidade que servia de contexto ao foco em estudo e dos suportes teóricos principais que guiavam sua ação. Isto permitiu a flexibilidade para formular e reformular hipóteses à medida que se realiza a pesquisa. Este traço da etnografia aponta para uma característica dela que se considera essencial: a de ser a estratégia etnográfica aberta.⁸ Isto não quer dizer que ela perca seu caráter de ser uma observação cuidadosa. Mas a rigidez do método deve permitir, por exemplo, que as perguntas inicialmente formuladas possam ser enunciadas de outra maneira ou em parte ou totalmente substituídas, à luz dos resultados e evidências que o pesquisador está configurando. Esta capacidade de autocorreção do método, de *feed-back*, de avançar adaptando-se a circunstâncias que se apresentam, guan-

do-se por hipóteses novas, separa a etnografia diametralmente dos enfoques quantitativos e experimentais.

Devemos entender, não obstante isso, que isto não faz da etnografia uma disciplina sem rumo certo. Ela, como já dissemos, tem por objetivo estudar a cultura, descrevendo-a para apreender seus significados. Esta é sua meta, mas não exclusivamente. Essa preocupação, porém, torna-se uma condição *sine qua non* de sua existência como disciplina científica. Sua tarefa não é simples, porque não existe nada mais complexo que desvendar os propósitos ocultos ou manifestos dos comportamentos dos indivíduos e das funções das instituições de determinada realidade cultural e social. A validade de suas conquistas reside precisamente na exatidão com que realiza a busca de significados que condutas e organismos têm para os indivíduos que são afetados direta ou indiretamente, clara ou obscuramente, em suas decisões e em suas vidas.

Temo-nos referido especificamente à etnografia porque consideramos que ela trouxe contribuições mais decisivas no quadro que tratamos de desenhar em torno ao que pretendemos denominar pesquisa qualitativa.

No campo dos que trabalham em enfoques qualitativos estas têm recebido outras denominações, além de serem conhecidas como estudos etnográficos.¹⁰ A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras que apontaremos posteriormente. Naturalmente, não pretendemos ser exaustivos na busca das denominações da pesquisa qualitativa. E tampouco vamos definir aquele tipo de pesquisa que melhor representaria o enfoque qualitativo. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade.

Este último tópico nos leva a colocar a segunda dificuldade que se nos apresenta para definir o que entendemos por pesquisa qualitativa (o primeiro obstáculo surgia da necessidade de delimitar a abrangência do enfoque qualitativo, sua generalidade e sua especificidade): as bases teóricas que orientam o pesquisador.

Já expressamos que este ângulo de apreciar o problema apresenta caracteres difíceis. Estes derivam da postura geral de alguns pesquisadores que não definem taxativamente seus pontos de vista teóricos ainda que eles sejam perceptíveis no desenvolvimento da pesquisa e na interpretação dos resultados.

Em geral, podemos dizer que a pesquisa qualitativa foi dominada, no começo, pelo funcionalismo e o estrutural-funcionalismo, com raízes no positivismo. Um bom exemplo disso nos chega do campo da Antropologia, especialmente com Malinowski. Ele ainda se esforçava na interpretação e explicação das realidades culturais que estudava buscando leis com validade generalizada.¹¹

Na década de 70 apareceu a pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica. Seu desenvolvimento surgiu como forte reação ao enfoque positivista nas ciências sociais. Suas bases teóricas, de tipo idealista, privilegiando a consciência do sujeito e entendendo a realidade social como uma construção humana, permitiram rápido desenrolar de seus princípios que, como os do positivismo, fugiam da crítica social e não buscavam as explicações dos fenômenos em suas raízes históricas. Neste sentido, o enfoque fenomenológico é conservador e, por isso, sua importância teórico-prática para os países subdesenvolvidos, segundo nosso ponto de vista, é muito relativa. E nesta deficiência, nesta inadequação da pesquisa qualitativa de índole fenomenológica, justifica-se a busca de uma metodologia que, considerando também o contexto do fenômeno social que se estuda, privilegia a prática e o propósito transformador do conhecimento que se adquire da realidade que se procura desvendar em seus aspectos essenciais e acidentais. Por isso, consideramos como válido o enfoque histórico-estrutural para nossa realidade social que, empregando o método dialético, é capaz de assinalar as causas e as consequências dos problemas, suas tradições, suas relações, suas qualidades, suas dimensões quantitativas, se existem, e realizar através da ação um processo de transformação da realidade que interessa.

Estas três bases teóricas, a estrutural-funcionalista, a fenomenológica e a materialista dialética, tornam impossível uma definição da pesquisa qualitativa em termos que satisficam os requisitos destas direções fundamentais. Por isso, o teor de qualquer enfoque qualitativo que se desenvolva será dado pelo referencial teórico no qual se apóie o pesquisador.

Não obstante o imediatamente anterior, cabe levantar três ressalvas. Em primeiro lugar, esta dificuldade para definir a pesquisa qualitativa com validade absoluta não significa que não sejamos capazes de caracterizá-la através de peculiaridades essenciais que justifiquem sua existência. Por ora, serão assinalados dois traços fundamentais. Por um lado, sua tendência definida, de natureza desreificadora dos fenômenos, do conhecimento e do ser humano; e, por outro, relacionada com aquela, a rejeição da neutralidade do saber científico.

Em segundo lugar, apesar de haver afirmado que a dimensão teórica da pesquisa qualitativa seria dada pelo pesquisador, devemos afirmar, sem que isto se constitua numa proposição essencial, que o tipo de pesquisa qualitativa denominada "pesquisa participante" (ou "participativa") pode prestar-se melhor a um enfoque dialético, histórico-estrutural que tenha por objetivo principal transformar a realidade que se estuda.

Em terceiro lugar, não obstante reconhecer os obstáculos que existem para caracterizar genericamente a pesquisa qualitativa, vamos intentar esboçar um corpo de idéias que trazem uma linha identificadora deste tipo de investigação. Nossa tentativa peca, talvez, por ser relativamente parcial, já que, quando assinalamos traços peculiares, estamos com a idéia em mente, de maneira principal, do enfoque qualitativo de natureza fenomenológica. Isto se deve ter presente no desenvolvimento das idéias que se colocam a seguir em relação ao tópico específico que nos preocupa.

É importante ressaltar que existem marcadas diferenças nas denominações "perguntas norteadoras" ou "questões de pesquisa", em relação ao tipo de pesquisa qualitativa de acordo com sua fundamentação teórica (estrutural-funcionalista, fenomenológica e dialética) que estamos realizando e a pesquisa quantitativa. Isto quer dizer que existem interrogatórios típicos para investigações que perseguem quantificar as respostas. E que também se estabelecem diferenças, em geral, nas inquisições qualitativas de acordo com sua natureza teórica, como já o destacamos quando desenvolvemos o tópico "Problema de Pesquisa".

Alguns autores,¹² pensando exclusivamente na pesquisa qualitativa de natureza fenomenológica, expressam que ela não se preocupa nem subsidiariamente das "causas", nem das "conseqüências" da existência dos fenômenos sociais, mas das características deles, já que sua função principal é descrever. Seriam perguntas típicas para esta classe de pesquisa, algumas como as que a seguir se indicam:

"— Que formas apresenta o fenômeno que estudo?"

"— Que variações encontramos neste fenômeno?"

Os fenômenos que estuda a pesquisa educacional são os "fenômenos educacionais". Estes são todos "fenômenos sociais". Como tais, devem ter certas características gerais que os permitem diferenciar de outros fenômenos.

De outra maneira, a expressão *fenômeno social* pode apresentar-se como demasiado geral, imprecisa, vaga, difícil de delimitar e de analisar. Por isso, têm existido esforços tendentes a assinalar traços peculiares aos "fenômenos sociais", que permitam identificá-los. Uma tentativa realizada nesse sentido, interessante e útil, é a de Lofland.¹³

Esse autor descreve e delimita o fenômeno social através de seis categorias. Segundo ele, todo fenômeno social estaria constituído por atos, atividades, significados, participação, relação e situações.

Os atos. Seriam ações que se desenvolvem em uma situação cujas características principais, em relação ao tempo, estariam representadas por sua brevidade. Esta poderia ser medida em horas, minutos, segundos.

As atividades. Estão representadas por ações em uma situação mais ou menos prolongada e que poderiam ser estudadas através de dias, semanas, meses.

Os significados. Manifestam-se através das produções verbais das pessoas envolvidas em determinadas situações e que comandam as ações que se realizam.

A participação. É o envolvimento do sujeito ou adaptação do mesmo a uma situação em estudo.

As relações. Surgem no intercâmbio que se produz entre várias pessoas que atuam numa situação simultaneamente e toma as características de inter-relações.

As situações. Estão constituídas pelo foco em estudo, pela unidade que se pretende analisar.

Desta maneira, segundo Lofland, o fenômeno social deixa de ser vago e o pesquisador pode-se perguntar: "Quais são as características, variações e formas que assumem os atos, atividades, significados, participação, dentro da situação educacional que estudamos e como esta se manifesta em geral?"

Pensemos num fenômeno social educacional específico: o interacionismo que se produz na sala de aula entre professor e alunos. Isto é o que nos interessa analisar, estudar. Um ato poderia ser a pergunta de um professor e as respostas dos alunos; a representação (uma cena) de um diálogo entre estudantes. Já uma *atividade* poderia estar constituída pela realização de uma tarefa pelos alunos, por exemplo, uma experiência de laboratório, ou a eleição da nova diretoria da turma. O *significado* pode surgir na troca de idéias que permitem a configuração de determinado ato, por exemplo, como votar, ou numa atividade, como eleger os estudantes dirigentes do grupo. A *participação* de uma pessoa da turma, com alto exemplo de liderança, pode ser destacada dentro da situação que se estuda: ou a presença de grupos homogêneos e ativos, ou a simples adaptação dos sujeitos ao processo geral que se desenvolve. As *relações* podem apresentar muitos matizes. Como são as relações entre professor e alunos? E as inter-relações entre estes? E entre o líder e o grupo e os grupos? Como funcionam internamente os grupos? A *situação* é a turma toda, com espaço e tempo limitados, alunos e professor, com seus próprios materiais, com seus problemas e, especialmente, com o tópico específico ao qual se intenta buscar significados e interpretações.

Pensando na pesquisa qualitativa de tipo fenomenológico, Bogdan¹⁴ assinala cinco características fundamentais a essa classe de atividade inquiritiva. Vamos comentar brevemente cada uma dessas peculiaridades discriminando os traços, ou ampliando-os, completando-os, para ter uma idéia mais precisa dos contornos que definem as duas modalidades mais impor-

tantes em prática à investigação qualitativa de origem fenomenológica e de natureza histórico-estrutural, dialética.

As *características* que Bogdan indica para a pesquisa qualitativa que tomaremos como base para o propósito enunciado imediatamente antes são as que se anotam a seguir.

1.^a) *A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave.*

Ambos os tipos de pesquisa, a com base fenomenológica e a com fundamentos materialistas e dialéticos, ressaltam a importância do ambiente na configuração da personalidade, problemas e situações de existência do sujeito. Mas existem diferenças essenciais entre elas em relação a suas concepções do meio. Com efeito, entretanto, a primeira considera o ambiente especialmente constituído por elementos culturais, o que é uma redução, ainda que se denomine cultura a todos os ingredientes do meio criados pelo homem, em determinada realidade social; a segunda pensa o meio como uma realidade muito mais ampla e complexa, distinguindo nela uma base, ou infra-estrutura, e uma superestrutura. Ambas as realidades, dialeticamente, relacionam-se e influenciam-se, transformando-se mutuamente na evolução do tempo. Nesta forma, ainda que se privilegiem os aspectos econômicos, numa última instância, em algum momento da evolução dos grupos sociais, a política, a religião, a ciência etc. outorgam também significados essenciais à vida humana. O chamado "ambiente natural" de Bogdan¹⁵ existe, mas é observado numa perspectiva que o vincula a realidades sociais maiores. O pesquisador é importante à medida que não esquece esta visão ampla e complexa do real social. Ambas as categorias de pesquisa partem do fenômeno social concreto. Mas para uma, a fenomenológica, o importante e verdadeiro é o conteúdo da percepção; para a outra, sua aparência e essência, que em seus significados se avaliam na prática social.

2.^a) *A pesquisa qualitativa é descritiva.*

A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente *descritiva*. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas são produto de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Assim, os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações das pessoas para dar o fundamento concreto necessário, com fotografias etc., acompanhados de documentos pessoais, fragmentos de entrevistas etc.

A pesquisa qualitativa de tipo histórico-estrutural, dialética, parte também da *descrição* que intenta captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência. Busca, porém, as causas da existência dele, procurando *explicar* sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por *intuir* as consequências que terão para a vida humana.

5.^a) *Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.*

Esta característica é muito importante na individualização como atividade científica da pesquisa qualitativa, especialmente em relação à investigação quantitativa, de cunho positivista, preocupada só em atingir as aparências dos fenômenos sociais, o que se apresentava à observação e/ou experimentação. Mas também é importante esta peculiaridade para estabelecer as diferenças entre os dois tipos de pesquisa qualitativa que estamos comentando. Ambas estudam o processo dos fenômenos. A investigação histórico-estrutural, porém, aprecia o desenvolvimento do fenômeno não só em sua visão atual que marca apenas o início da análise, como também penetra em sua estrutura íntima, latente, inclusive não visível ou observável à simples observação ou reflexão, para descobrir suas relações e avançar no conhecimento de seus aspectos evolutivos, tratando de identificar as forças decisivas responsáveis por seu desenrolar característico. Num estudo que se realiza na sala de aula, por exemplo, a pesquisa fenomenológica está interessada, ao interpretar as expectativas que têm os estudantes com respeito a seu futuro, em descobrir, *verbi gratia*, a função que o professor desempenha na elaboração desses projetos. É uma interpretação a-histórica e limitada às circunstâncias imediatas que envolvem o fenômeno.

4.^a) *Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente.*

Ambos os tipos de pesquisa qualitativa partem do fenômeno social. Diretamente sobre este começa a análise. Existem, porém, diferenças fundamentais entre eles. A pesquisa qualitativa fenomenológica não tem hipóteses que verificar empiricamente, como ocorria no positivismo. Isto significava a presença de uma teoria, toda uma concepção delimitada a priori. Os significados, a interpretação, surgem da percepção do fenômeno visto num contexto. Assim, chega-se ao nível de abstração, ao conceito. Na pesquisa qualitativa com raízes no materialismo dialético, como já dissemos, o fenômeno tem sua própria realidade fora da consciência. Ele é real, concreto e, como tal, é estudado. Isto significa enfocá-lo indutivamente. Porém, ao mesmo tempo, ao descobrir sua aparência e essência, está-se avaliando um suporte teórico que atua dedutivamente, que só alcança a validade à luz da prática social. Em outros termos, o fenômeno

social é explicado num processo dialético indutivo-dedutivo. E compreendido em sua totalidade, inclusive, intuitivamente.

A pesquisa qualitativa, com fundamentos fenomenológicos, primeiro coleta os dados. Estes servem para elaborar o que se denomina "teoria de bases",¹⁸ que é um conjunto de conceitos, princípios, significados, que se elevam de baixo para cima. O enfoque dialético parte da base, do real, que é analisado em sua aparência e em sua profundidade, para estabelecer a "coisa em si", o número, que se definem e se justificam existencialmente na prática social. A expressão *de baixo para cima* caracteriza-se simultaneamente.

5.^a) O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

Uma das grandes postulações da pesquisa qualitativa é a de sua atenção preferencial pelos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas. No positivismo, eles foram considerados ou como óbvios ou não investigáveis. O enfoque fenomenológico privilegiou esta análise porque considerou que os significados que os sujeitos davam aos fenômenos dependiam essencialmente dos pressupostos culturais próprios do meio que alimentavam sua existência. Por isso, os investigadores dessa corrente aprofundaram, especialmente através da entrevista semi-estruturada e da observação livre (daqui os nomes da pesquisa qualitativa, de "entrevista aprofundada", de "observação qualitativa"), o estudo do que pensavam os sujeitos sobre suas experiências, sua vida, seus projetos. Na busca do que estava ali, muitas vezes, invisível, os pesquisadores procuravam detectar os significados que as pessoas davam aos fenômenos.

A pesquisa de caráter histórico-estrutural, dialético, não ficou só na compreensão dos significados que surgiam de determinados pressupostos. Foi além de uma visão relativamente simples, superficial, estética. Buscou as raízes deles, as causas de sua existência, suas relações, num quadro amplo do sujeito como ser social e histórico, tratando de explicar e compreender o desenvolvimento da vida humana e de seus diferentes significados no devir dos diversos meios culturais.

Quando estamos empenhados na caracterização da pesquisa qualitativa, podemos ser ajudados na concretização desse propósito se nos fixamos brevemente no *delimitamento* dela. Isto não é outra coisa que o plano, o desenvolvimento hipotético do estudo que queremos realizar.

Já expressamos que, no tipo de pesquisa quantitativa que desenvolvemos ao longo destes últimos anos, temos seguido esquemas mais ou menos rígidos. O primeiro passo estava constituído pela escolha do "*problema*". Este devia reunir uma série de condições. Uma das principais era a da *originalidade*. Difícilmente era aceitável que o assunto que se pretendia estudar, pela idéia das generalizações, houvesse sido preocupa-

ção de algum pesquisador, nas "mesmas dimensões e circunstâncias", na França ou na América do Norte. Quando se *delimitava e justificava* o tópico, começava a *revisão sistemática de literatura* (que, naturalmente, para ter uma visão geral do problema, havia começado antes), com o intuito de saber que se havia pesquisado em torno da área específica na qual se inseria o tema. Em seguida, apoiando-se na fundamentação teórica, principalmente, formulavam-se as *hipóteses e/ou as questões de pesquisa e perguntas norteadoras*. Logo se dedicava especial atenção à *definição operacional das variáveis*. Continuava-se com o planejamento da *coleta dos dados* (para o qual se prestava cuidadosa atenção aos instrumentos: questionários, escala, entrevista, ficha, formulário etc., que podiam ser elaborados pelo pesquisador e submetidos geralmente a processos de testagem de validade de conteúdo e de fidedignidade, ou o investigador resolvia usar um teste ou escala que fora aplicado com bons resultados em Chicago ou Frankfurt e que havia sido adaptado ao meio científico). E, por último, a *análise dos dados*, onde, em geral, apenas se indicava o possível tratamento estatístico. Às vezes, esta se apresentou em forma sofisticada, como se se desejasse, por este fato, elevar o nível de objetividade e o valor científico dos resultados.

Na pesquisa qualitativa, de forma muito geral, segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações. É indispensável, não obstante isso, fazer alguns esclarecimentos importantes.

Em primeiro lugar, a pesquisa qualitativa não segue seqüência tão rígida das etapas assinaladas para o desenvolvimento da pesquisa quantitativa. Pelo contrário. Por exemplo: a coleta e a análise dos dados não são divisões estanques. As informações que se recolhem, geralmente, são interpretadas e isto pode originar a exigência de novas buscas de dados. Esta circunstância apresenta-se porque o pesquisador não inicia seu trabalho orientado por hipóteses levantadas a priori cuidando de todas as alternativas possíveis, que precisam ser verificadas empiricamente, depois de seguir passo a passo o trabalho que, como as metas, têm sido previamente estabelecidos. As hipóteses colocadas podem ser deixadas de lado e surgir outras, no achado de novas informações, que solicitam encontrar outros caminhos. Desta maneira, o pesquisador tem a obrigação, se não quer sofrer frustrações, de estar preparado para mudar suas expectativas frente a seu estudo. O denominado "relatório final" da pesquisa quantitativa naturalmente que existe na pesquisa qualitativa, mas ele se vai constituindo através do desenvolvimento de todo o estudo e não é exclusivamente resultado de uma análise última dos dados.

Por outro lado, não obstante o pesquisador inicie sua investigação apoiado numa fundamentação teórica geral, o que significa revisão apoiada fundada da literatura em torno do tópico em foco, a maior parte, neste sentido, do trabalho se realiza no processo de desenvolvimento do estudo. A necessidade da teoria surgirá em face das interrogativas que se apresen-

teórica não existe como um capítulo separado. Ela serve para apoiar, se é possível, as idéias que vão surgindo no desenvolvimento da investigação. Desta maneira, ressalte-se, em seguida, outra característica do Relatório: segundo o enfoque positivista, não existe expressa, na pesquisa qualitativa, esta parte final, ao menos nesses termos. Com efeito, em todos os instantes do processo investigativo tem-se colocado "idéias finais" que são enfatizadas, posteriormente, num apanhado geral, cujo título representa os conceitos básicos atingidos pelo estudo.* Deste modo, esse corpo considerado como essencial no 'enfoque quantitativo, "Análise e Interpretação de Resultados — Recomendações", não existe nessa forma.

É interessante salientar, uma vez mais, que o pesquisador, orientado pelo enfoque qualitativo, tem ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo. Os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente fixados pelas condições da exigência de um trabalho científico. Este, repetimos, deve ter uma estrutura coerente, consistente, originalidade e nível de objetividade capazes de merecer a aprovação dos cientistas num processo intersubjetivo de apreciação.¹⁷

3 UM TIPO DE PESQUISA QUALITATIVA. O ESTUDO DE CASO **

Entre os tipos de pesquisa qualitativa característicos, talvez o Estudo de Caso seja um dos mais relevantes.

O Estudo de Caso na pesquisa quantitativa caracteriza-se fundamentalmente, do ponto de vista da medida dos dados que ele apresentava, pelo emprego, de modo geral, de uma estatística simples, elementar.

Realmente, o Estudo de Caso não foi uma classe de pesquisa típica do modelo positivista, tão inclinado à quantificação das informações. Por isso, com o desenvolvimento da investigação qualitativa, o Estudo de Caso, que estava numa situação de transição entre ambos os tipos de investigação, constituiu-se numa expressão importante desta tendência nova na pesquisa educacional.

O que é o Estudo de Caso? É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma *unidade* que se analisa profundamente. Esta definição determina

tarão. Não obstante isso, deve ficar expresso em forma muito clara que o pesquisador será eficiente e altamente positivo para os propósitos da investigação, se tiver amplo domínio não só do estudo que está realizando, como também do embasamento teórico geral que lhe serve de apoio. Isto, por exemplo, na entrevista semi-estruturada e no emprego de qualquer coleta de informações, lhe permitirá esboçar novas linhas de inquirição, vislumbrar outras perspectivas de análise e de interpretação no aprofundamento do conhecimento do problema. Este ponto ficará mais claro, em seguida, quando abordarmos os tópicos de coleta e análise de informações.

Na pesquisa qualitativa existe pouco empenho por definir operacionalmente as variáveis. Elas são apenas descritas e seu número pode ser grande, ao contrário do que apresenta o enfoque quantitativo, preocupado com a medida delas e a verificação empírica das hipóteses.

Uma das diferenças fundamentais que existe entre a pesquisa qualitativa e a tradicional reside na determinação da população e da amostra. A investigação positivista fez da definição da amostra, buscando estabelecer conclusões com validade geral, um processo complexo, difícil e, muitas vezes, sofisticado, no qual a estatística se transformou num meio principal. Este instante do desenvolvimento da pesquisa, bem como outros relacionados com o tratamento estatístico dos dados e com o estabelecimento do coeficiente de fidedignidade nos instrumentos que se usariam para a reunião das informações necessárias, ficaram à margem do conhecimento, em muitas oportunidades, dos "leitores de pesquisa" que optaram por "pular" estas etapas do processo da investigação, consideradas "chaves" pelos especialistas de origem quantitativa.

A pesquisa qualitativa, de fundamentação teórica, fenomenológica, pode usar recursos aleatórios para fixar a amostra. Isto é, procura uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo dos indivíduos para as entrevistas etc.), o tamanho da amostra. A pesquisa de origem materialista dialética, que desconhece a dicotomia qualitativa-quantitativa, pode apoiar-se na estatística para determinar a representatividade da amostragem.

Voltando ao Relatório Final da pesquisa que, no enfoque quantitativo, apresentava cada aspecto (formulação do problema, hipóteses, revisão da literatura, variáveis etc.), em forma separada, cuja culminância estava representada pela "Análise e interpretação dos resultados — Recomendações", no estudo qualitativo este Relatório tem outra estrutura.

Em primeiro lugar, não existe essa visão isolada das partes do estudo. Todas elas estão relacionadas. Por exemplo, a fundamentação

* A dissertação de mestrado de Ana Maria Elorrieta Romo, aluna do Curso de Mestrado em Educação da UFRGS, ilustra muito bem o que queremos expressar. Além disso, o título do trabalho de Ana Maria reflete com acerto a idéia central que focalizamos.

** LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação; abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986, 99 p., desenvolvem o estudo de caso, ressaltando a sua importância para a pesquisa em educação.

suas características que são dadas por duas circunstâncias, principalmente. Por um lado, a natureza e abrangência da unidade. Esta pode ser um sujeito. Por exemplo, o exame das condições de vida (nível sócio-econômico, escolaridade dos pais, profissão destes, tempo que os progenitores dedicam diariamente ao filho, orientando-os nos estudos, tipo de alimentação do aluno, prática de esportes, sono, perspectivas do estudante e dos pais em relação ao futuro da criança, a opinião dos professores, dos colegas etc.) que rodeiam um aluno que repetiu a primeira série do 2.º grau, de uma escola pública. No estudo de uma turma de 8.ª série de uma escola particular, de uma comunidade de pescadores, de uma escola de uma vila popular etc. é fácil compreender que a análise do ambiente, negativo ou positivo, que circunda uma pessoa, é muito mais simples que a interpretação dos problemas que apresenta uma comunidade agrícola que pretende organizar uma cooperativa de produção e consumo.

Em segundo lugar, também a complexidade do Estudo de Caso está determinada pelos suportes teóricos que servem de orientação em seu trabalho ao investigador. Um enfoque a-histórico, reduzido às características culturais de um meio específico no qual se insere a unidade em exame, de natureza qualitativa-fenomenológica, é menos complexo, sem dúvida, que uma visão na qual se observa o fenômeno em sua evolução e suas relações estruturais fundamentais.

O importante é lembrar que no Estudo de Caso qualitativo, onde nem as hipóteses nem os esquemas de inquisição estão aprioristicamente estabelecidos, a complexidade do exame aumenta à medida que se aprofunda no assunto. A simplicidade dos primeiros passos do investigador, tanto do novigo, como do experiente, pode conduzir o primeiro, o pesquisador incipiente, para apreciações equivocadas sobre o valor científico de seu trabalho. Este, por outro lado, marcado mais que outros tipos de pesquisa qualitativa, pela implicação do sujeito no processo e pelos resultados do estudo, exige severidade maior na objetivação, originalidade, coerência e consistência das idéias.

Bogdan,¹⁸ falando sobre o Estudo de Caso, chega a distinguir vários tipos dele. Seguindo os conceitos mais importantes desse autor, queremos caracterizar brevemente cada uma dessas categorias de pesquisa.

1.º) Estudos de Casos histórico-organizacionais¹

O interesse do pesquisador recai sobre a vida de uma instituição. A unidade pode ser uma escola, uma universidade, um clube etc. O pesquisador deve partir do conhecimento que existe sobre a organização que deseja examinar. Que material pode ser manejado, que está disponível, ainda que represente dificuldades para seu estudo. Isto significa que existem arquivos que registraram documentos referentes à vida da instituição, publicações, estudos pessoais com os quais é possível realizar entre-

vistas etc. Esta informação prévia necessária é básica para delinear preliminarmente a coleta de dados.

2.º) Estudos de Casos observacionais

Esta é uma categoria típica, poderíamos dizer, de pesquisa qualitativa. A técnica de coleta de informações mais importante dela é a *observação participante*, que, lembramos, às vezes, aparece como sinônima de enfoque qualitativo. O foco de exame pode ser uma escola, um clube, uma Associação de Vizinhos, uma Cooperativa de Produção e Consumo etc. Agora não é a organização como um todo o que interessa, senão uma parte dela. Nesse sentido, podem ser objeto da observação participante aspectos como os seguintes:

- a) O trabalho que realiza numa sala de aula de uma escola um grupo de professores que está aplicando novos métodos de ensino das matemáticas.
- b) O treinamento e jogos oficiais de uma equipe de futebol de um clube de esportes.
- c) As reuniões de planejamento anual do trabalho de uma Associação de Vizinhos.
- d) As sessões de uma Cooperativa de Produção e Consumo para modificar seus estatutos etc.

É muito interessante salientar que o investigador pode ir às organizações com propósitos muito definidos. E talvez tudo dê certo. Mas, às vezes, ocorre que as instituições apresentam necessidades específicas e, quando contam com a presença de uma pessoa que seja capaz de atendê-las, reclamam sua cooperação. Isto quer dizer que o pesquisador deve entrar em contato com as organizações e, talvez, com elas resolver o que mutuamente se considere importante para trabalhar. É verdadeiro que nem o investigador nem a organização desejam envolver-se em atividades que a ninguém interessam.

3.º) O Estudo de Caso denominado História de Vida

Geralmente, a técnica utilizada para investigar em "História de Vida" é a entrevista semi-estruturada que se realiza com uma pessoa de relevo social (escritor famoso, cientista célebre, filantropo esclarecido, político de renome etc.), ou com uma pessoa de uma vila popular (como a antiga professora, presidente da Associação de Mães, operários distintos, uma família qualquer etc.). A entrevista aprofunda-se cada vez mais na "História de Vida" do sujeito. Deste tipo de pesquisa surgiu a idéia de denominar a pesquisa qualitativa de "Entrevista Aprofundada". Porém, a entrevista não é a única técnica que se pode usar na "História de Vida".

Usada ela como único instrumento, pode dar uma visão unilateral da pessoa, incompleta, ou falsa, devido a muitas razões. Algumas delas podem estar relacionadas com a capacidade de recordar do entrevistado, com sua "visão áurea" de determinados momentos de sua existência. É um fato reconhecido por todos que as pessoas que avançam muito na velhice tendem a salientar melhor as coisas que ocorrem em sua juventude, em sua idade precoce, antes que os fenômenos da idade adulta tardia. Por isso, é realmente útil, para ter uma concepção mais fiel da "História de Vida", revisar documentos, obras, realizar entrevistas com as pessoas vinculadas com o sujeito etc.

Existem outros Estudos de Casos que devemos mencionar e comentar brevemente. Talvez o mais importante deles seja o *Estudo de Caso de uma comunidade*, que se pode transformar numa pesquisa complexa, ainda que só se privilegiem com ênfase os aspectos de relevo que nela interessam. Geralmente, o enfoque é realizado por equipe de investigadores multidisciplinares que setORIZAM a unidade em exame, ressaltando os pontos de culminância dela, sem perder a visão integral do foco de análise.

Também têm sido preocupação de pesquisadores Estudos de Casos denominados "Análise Situacional" e "Microetnográficos".¹⁹ O primeiro refere-se a eventos específicos que podem ocorrer numa organização. Por exemplo, uma greve de estudantes. O pesquisador procura conhecer os pontos de vista e circunstâncias que são peculiares a todos os envolvidos nesse fenômeno. O segundo focaliza aspectos muito específicos de uma realidade maior, *verbi gratia*, o comportamento dos alunos do jardim de infância no recreio.

Um aspecto interessante do *Estudo de Caso* é o de existir a possibilidade de estabelecer comparações entre dois ou mais enfoques específicos, o que dá origem aos *Estudos Comparativos de Casos*. O enfoque comparativo enriquece a pesquisa qualitativa, especialmente se ele se realiza na perspectiva histórico-estrutural. Em geral, esta linha de investigação segue os passos do método comparativo, descrevendo, explicando e comparando por justaposição e comparação propriamente dita os fenômenos. Poderiam ser exemplos de Estudos Comparativos de Casos assuntos como os seguintes: a preparação para o trabalho em escolas de vila popular e de zona de classe social alta; a inter-relação na sala de aula de professores e alunos de meios sociais baixos e elevados; o comportamento de meninos, em relação ao sexo feminino, em escolas co-educacionais ou mistas e em escolas exclusivamente para homens.

Sem necessidade de perseguir objetivos de natureza comparativa, o pesquisador pode ter a possibilidade de estudar dois ou mais sujeitos, organizações etc. Trata-se então de *Estudos múltiplos*. Exemplo: estudo de duas escolas técnicas que formam técnicos contábeis (aspectos físicos, história de suas vidas, evolução, matrícula, tipo de professores, número de técnicos formados, perspectivas dos estudantes em relação a seu futuro no mercado ocupacional etc.).